

Lixo de Brasília atrai retirantes da seca

Mesmo vivendo de pequenos serviços, os migrantes — a maioria da Bahia — acham a cidade um lugar bom para ganhar dinheiro

Conceição Freitas

Da equipe do Correio

Brasília é cidade generosa para com os miseráveis e o lixo que produz é rico o suficiente para sustentar centenas de famílias de migrantes. São esses os dois imãs — generosidade do povo e lixo rico — que atraem para cá as hordas expulsas de outras regiões do país, em especial do Nordeste.

Pesquisa realizada pelo sociólogos Marcel Bursztyn e Carlos Henrique Araújo, da UnB, entrevistou chefes de 150 famílias de migrantes que moram nas invasões da cidade e concluiu que 28% dos que aqui chegam acreditam que o governo ainda distribui lotes.

E mais: não adianta dar passagem de volta à cidade de origem, porque eles vão e vêm de novo. Dos entrevistados, 43% já vieram a Brasília pelo menos uma vez antes

de armarem o barraco onde estavam em maio passado, quando foram pesquisados.

PESQUISA

“O conceito de migrantes ficou pra trás. Eles são perambulantes”, define Marcel Bursztyn, secretário-adjunto da Indústria e Comércio do GDF.

A pesquisa que Bursztyn coordena faz parte de amplo estudo sobre o desmantelamento do aparelho do Estado financiado pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Para esta etapa da pesquisa, foram entrevistados chefes de família de migrantes que estão morando em invasão e chegaram aqui desde janeiro deste ano.

UTOPIA DO ESTÔMAGO

A população perambulante é jovem: 43% tem até 25 anos, 34%

tem entre 26 e 35 anos. Dos casais entrevistados, 70% não têm *papel passado*. Vivem do lixo, de vigiar e lavar carros e de pedir esmola. Os filhos não vão para a escola. “A utopia de todos é a próxima refeição”, afirma Bursztyn.

Apesar de tudo, 85% consideram Brasília uma cidade boa para viver. Desses, 38% disseram que aqui é lugar onde se pode ganhar algum dinheiro. 53% não souberam explicar por que gostam da cidade.

SEM FOME

A baiana de Jacobina Regina Araújo Oliveira, 37 anos, dois filhos, diz que desde que chegou em Brasília, há seis meses, nunca passou fome. Coisa que vinha acontecendo com muita freqüência na Bahia.

“Aqui alguém sempre dá um pão, uma laranja, uma sopa para aliviar a fome”. Se lá Regina ganhava R\$ 40,00 por mês como empregada doméstica e o marido estava desempregado, aqui ela cuida dos filhos enquanto o marido, Ademir, consegue R\$ 60,00 por semana como servente de pedreiro.

Fotos: Gláucio Dettmar



Normilda Rodrigues, mãe de três filhos, veio de Jacobina e agora se sente mais segura morando na colônia baiana